

As características do educador uma leitura nietzschiana à luz de *Schopenhauer como educador*

Márcio Danelon

professor na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO

O presente texto tem por objetivo fazer uma leitura da obra *Schopenhauer como educador* buscando alguns elementos para nossa reflexão em torno das características do professor de filosofia e do sentido do ensino de filosofia. Dessa forma, tomaremos como tarefa do filósofo educador a emergência, através de seu ensino, de uma educação construída pelo exemplo de vida, uma educação que irrompa contra seu tempo, uma educação que torne cada sujeito naquilo que é e, finalmente, uma educação para a produção do gênio.

Palavras-chave: Educação; Cultura; Singularidade; Gênio.

ABSTRACT

The aim of this paper is to do the reading about *Schopenhauer work as an educator* searching some elements to our reflexion around the philosophy professor's characteristics and the direction of the philosophy education. This way, we will take as task of the philosopher educator the emergency, through this education, of an education constructed for the life example, an education against this time, an education that becomes each citizen what this he is, and finally, an education for the construction of the genius.

Keywords: Education; Culture; Singularity; Genius.

Temos acompanhado nos últimos anos, notadamente a partir dos fins dos anos 90, um crescente desenvolvimento da produção acadêmica em torno do ensino de filosofia, seja através de organização de Congressos, Simpósios ou Seminários, seja através de publicação de livros até a emergência de linhas de pesquisa nos programas de pós-graduação em Educação. A tônica que vem marcando a produção de conhecimento sobre o ensino de filosofia é de tratar este tema desde um ponto de vista filosófico, ou seja, o ensino de filosofia, e as variantes integradas a ele, é um problema filosófico a ser refletido, portanto, desde um olhar filosófico.

Entre as variantes integradas ao ensino de filosofia, a formação do professor de filosofia aparece como um problema central a esta temática na medida em que o ensino de filosofia é o reflexo daquele que ensina a filosofia. Em outras palavras, o ensino de filosofia não é uma entidade abstrata e metafísica aparentada ao Espírito Absoluto hegeliano, mas, pelo contrário, é uma construção real feita no cotidiano da prática educativa pelos agentes envolvidos. Neste caso, o ensino de filosofia está, então, intrinsecamente ligado às facticidades presentes na vida cotidiana, ou seja, não pode se desvencilhar da situação espaço/temporal da escola e de seu projeto pedagógico, da cultura que emerge da comunidade e das pessoas diretamente envolvidas nela. Nesta perspectiva, afirmamos que o ensino de filosofia é uma construção, sempre inacabada, real e cotidiana feita por pessoas sujeitas às vicissitudes inerentes a existência. É o professor de filosofia, de fato, aquele que diretamente está ligado à construção do ensino de filosofia; é ele quem concebe, desenvolve, avalia, muda e reconstrói o seu ensino de filosofia a partir das facticidades de sua existência.

Ainda temos, com bastante frescor, em nossa memória o vitorioso movimento, nos anos 80, pelo retorno da filosofia nos currículos das escolas do então 2º grau. Um movimento bastante legítimo e que, de fato, foi

decisivo para que a filosofia fosse reintroduzida nas escolas públicas estaduais. Foi, talvez, com a reinserção da disciplina de filosofia que seus problemas começaram, na medida em que não foi feito um plano de introdução da filosofia de forma paulatina nas escolas de forma que permitisse aos professores refletir, avaliar e acumular conhecimento sobre sua prática. De fato, o que ocorreu com a disciplina de filosofia nas escolas públicas em meados dos anos 80, foi de servir, na maioria das vezes, para preenchimento de carga horária dos professores efetivos da rede pública de ensino. Não houve, na maioria dos casos, um cuidado com aquele que iria lecionar a disciplina de filosofia na medida em que, com a desculpa de que não havia professores formados em filosofia, qualquer professor de área afins do saber acabavam lecionando a disciplina de filosofia sem o conhecimento filosófico. A partir disto, pudemos observar a heterogeneidade¹ dos conteúdos trabalhados nas disciplinas de filosofia, conteúdos que transitavam muito próximo de uma psicologia para o trato da crise da adolescência, discussão em torno da sexualidade e de dilemas morais ao modo da educação moral e cívica, indo até os limites do exoterismo, espiritualismo e autoajuda. Cada “professor de filosofia” enxergava os “conteúdos filosóficos” cada qual com seus óculos e com sua miopia. A conclusão dessa “salada conceitual” todos nós conhecemos: a disciplina de filosofia foi, paulatinamente, sendo retiradas dos currículos escolares e/ou sendo substituída por outras disciplinas.

Neste início de século XXI observamos um movimento bastante interessante de inserção da filosofia nas escolas públicas ou particulares. Em muitos Estados, a disciplina de filosofia tornou-se obrigatória nas escolas públicas de ensino médio. Situação singular observa-se na rede particular de ensino em que a filosofia se insere, em muitos casos, desde o ensino fundamental. Se a filosofia ganha espaço nas escolas, também aumenta a

¹ Conforme podemos observar na dissertação *O ensino de filosofia no segundo grau: uma necessidade da leitura do cotidiano*, p. 59ss.

responsabilidade e a importância da reflexão em torno da formação do professor de filosofia. O cuidado com o professor de filosofia é fundamental, antes de mais nada, pelo respeito com que a filosofia, esta senhora de 2500 anos, deve ser tratada, ou seja, não é qualquer “pés de barro” que pode carregá-la embaixo dos braços para divulgá-la na “praça pública”.² Além disso, o cuidado com a formação do professor de filosofia é importante para que a disciplina de filosofia seja desenvolvida com rigor conceitual que a filosofia requer, sem o perigo de cair em juízos de valor e *achismos* conceituais. Nesse canário, afirmamos que é de fundamental importância que o professor de filosofia tenha formação filosófica; que nas leituras de textos filosóficos se tenha, como pano de fundo, o conhecimento da história da filosofia; que na reflexão filosófica se identifique os autores e seus conceitos produzidos para que não haja apropriações ou interpretações dos conceitos filosóficos de forma tendenciosa para justificar dogmas ou crenças.

O professor de filosofia é aquele que vai educar a pessoa na filosofia, ou seja, no interior dos conceitos filosóficos, daí a sua importância para a própria filosofia. Nesse caso, o que deve marcar, perguntamos, o professor de filosofia? Qual o objetivo de sua prática? O que a justifica? Ora, se tomamos o professor de filosofia como um educador, encontramos em Nietzsche (1844-1900) e mais precisamente sua obra *Schopenhauer como educador* (1874) alguns elementos bastante interessantes para refletirmos sobre o professor de filosofia, ou seja, aquele que educa na filosofia. Nesta obra, Nietzsche está a procura de um filósofo educador:

² O termo *pés de barro* é usado por Nietzsche em *Ecce Homo* para designar a base de sustentação dos valores morais da modernidade, ou seja, para o filósofo alemão os valores morais característicos da modernidade não possuem um fundamento sólido, é puramente uma interpretação moral, daí sua fragilidade estampada por Nietzsche com a metáfora do pés de barro. A praça pública, por sua vez, é o lugar do populacho, é o lugar em que o louco da *Gaia Ciência* vai procurar Deus e somente encontra homens alienados; é o lugar, também, do último homem, conforme *Assim falou Zaratustra*. No livro *O louco: Nietzsche e a mania da razão*, Christoph Türcke faz uma riquíssima análise do sentido do mercado e da praça no pensamento de Nietzsche.

Quando outrora eu me entregava, por vontade própria, a fazer minhas promessas, imaginava que o terrível esforço, o tremendo dever de me educar a mim próprio, me seria poupado pelo destino, porque no momento propício encontraria um filósofo para me educar, um verdadeiro filósofo a quem se pudesse obedecer sem mais reflexões, porque se teria nele mais confiança do em si próprio. (2003, p. 142)

O encontro de Nietzsche com seu educador/professor que procurava se debruçar com a figura de Schopenhauer, conforme suas palavras: “É por isso que vou lembrar hoje o nome do único professor, o único mestre de quem eu posso me orgulhar, *Arthur Schopenhauer*, para só me lembrar de outros mais tarde”. (Nietzsche, 2003, p. 142) Nietzsche toma, então, Schopenhauer como o modelo de educador na filosofia que devemos seguir. Na sequência ele levanta, exatamente, as características que fazem dele o modelo de educador, quando questiona: “Depois, é verdade, me perguntava quais os princípios poderia ele então adotar para minha educação” (Nietzsche, 2003, p. 142) É seguindo o fio condutor desta reflexão levantada por Nietzsche em torno da figura de Schopenhauer que vamos deslocá-la³ para nossa reflexão sobre a formação do professor de filosofia, ou seja, quais são os princípios, a partir da filosofia nietzschiana, que devemos buscar no professor de filosofia? Como ele deve educar na filosofia? Para quê?

Um primeiro sentido do educador buscado por Nietzsche e que ele encontra na figura de Schopenhauer é o do educador como um exemplo, conforme suas palavras: “Estimo muito mais um filósofo quanto mais ele está em condições de servir de exemplo”. (Nietzsche, 2003, p. 150) O professor de filosofia, no caso, é aquele que ensina e que educa através de

³ Faço referência, aqui, o sentido atribuído por Sílvia Gallo ao vocábulo *deslocamento* em seu livro *Deleuze e a educação*. Segundo o autor, Deleuze não foi um filósofo da educação, logo pensar a educação com os seus referenciais teóricos/conceituais é possível se seus conceitos forem deslocados para o campo da educação, ou seja, “desterritorializados”. É nesse mesmo sentido que vamos operar, deslocando os conceitos de Nietzsche para nossa reflexão em torno da problemática do ensino de filosofia, tema ao qual o filósofo da Basileia não se dedicou de forma direta.

seu exemplo de ser educador e não apenas aquele que domina os conceitos necessários para uma educação filosófica ao modo de um erudito⁴ em filosofia, por exemplo. Ele é, pelo contrário, aquele que encarna⁵ em sua existência a filosofia como modo de vida, como estratégia estruturante da existência. Na perspectiva de Nietzsche, o educador filósofo deve ser um exemplo, não de livros e teorias, mas de vida:

Mas o exemplo deve ser dado pela vida real e não unicamente pelos livros; deve, portanto, ser dado, como ensinavam os filósofos da Grécia, pela expressão do rosto, pela vestimenta, pelo regime alimentar, pelos costumes, mais ainda do que pelas palavras e, sobretudo, mais do que pela escrita. (2003, p. 150)

O filósofo educador não é aquele que assume a função de um transmissor de conceitos, valores ou de conselhos para a vida; não é aquele que, de posse de um saber sistematizado, desempenha o papel de orientador para a vida; não é aquele que transmite ensinamentos de vida, ou mesmo, o que está muito em voga nos tempos atuais, receitas para o bem viver ou superar crises. O professor de filosofia educa pelo seu exemplo de vida, ou seja, ele não ensina a viver, mas aqueles que querem aprender veem nele um modo de vida profícuo com o qual se identificam. Neste caso, o filósofo educa pela honestidade de sua vida, uma vez que não há ruptura entre viver

⁴ Conforme a crítica de Nietzsche ao erudito: “Para falar diretamente o que penso, meu princípio é o seguinte: o erudito consiste numa rede misturada de impulsos e excitações muito variadas, é um metal impuro por excelência. [...] Numa boa medida, se inclui também no erudito o instinto de encontrar *certas* ‘verdades’: por servilismo para com certas pessoas, para com as castas, para com as opiniões, as igrejas e os governos estabelecidos, porque ele percebe que presta um serviço a si mesmo colocando a ‘verdade’ do lado destes”. (Nietzsche, 2003, p. 191/192)

⁵ Nessa perspectiva, a filosofia faz parte da dimensão fisiológica da vida humana, ou seja, se faz filosofia com a carne, com o corpo; uma filosofia que deve ser digerida pelo estômago, na medida em que, para Nietzsche, o corpo é pontualmente mais importante do que a razão, conforme suas palavras no Zarathustra: “O corpo é uma grande razão, uma pluralidade com *um* só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento de teu corpo é, ainda, a tua pequena razão, meu irmão, aquilo que você chama de ‘espírito’, um pequeno instrumento e um brinquedo da tua grande razão”. (Nietzsche, 1997, p. 28)

e teorizar sobre o viver, o que impede, neste caso, hipocrisias daqueles que falam a “verdade” da vida sem vivê-la em seu cotidiano.

A modernidade e o modo de vida do homem estão recheados de superficialidades; a aparência se sobrepõe à existência de forma que se tornou mais importante parecer ser; os valores perderam seu conteúdo e o homem se tornou raso, perdeu sua profundidade:

Não há mais modelos ilustres e não há mais reflexão deste tipo. Vive-se de fato do capital de moralidade acumulado por nossos ancestrais e da herança deles, que não sabemos mais fazer crescer, mas somente dissipar. Na nossa sociedade, ou não se fala absolutamente destas coisas, ou se o faz com tal acanhamento e uma tal inexperiência de orientação naturalista, que não pode suscitar senão náusea. Foi assim que nossas escolas e nossos mestres chegaram a fazer simplesmente abstração de qualquer educação moral e se contentar com puro formalismo... (Nietzsche, 2003, p. 145)

Nesse cenário, o educador deve ser um exemplo do qual ressurge a profundidade e a riqueza do espírito humano; deve ser um exemplo do qual brotam novos e profundos valores. O educador deve ser um exemplo de superação da mediocridade de nossa época, conforme as palavras de Nietzsche:

[...] encontrar como educador um verdadeiro filósofo, capaz de elevar alguém acima da insuficiência da atualidade e de ensinar novamente a ser *simples e honesto* no pensamento e na vida, e portanto intempestivo, no sentido mais profundo da palavra; pois os homens se tornaram agora tão complexos e tão complicados, que é preciso que se torne desonesto, já que falam, já que colocam afirmações e querem por conseguinte agir. (2003, p. 146)

O educador é, em última instância, aquele exemplo de vida que faz de sua existência um modo de superação da letargia da modernidade; aquele

que promove a emergência de homens profundos que também façam de sua existência a superação do modo de vida comum; aquele exemplo de vivência de uma cultura que enriquece e enobrece o próprio homem. Na perspectiva de Nietzsche, se a modernidade é marcada por uma cultura pobre e por homens mesquinhos, ou, em suas palavras “... não são homens vigorosos que governam, mas os arremedos de homem, os intérpretes da opinião” (2003, 139), o exemplo do educador é de transcender esta cultura de homens rasos. Numa relação pedagógica entre os atores do processo educacional, o exemplo de vida do filósofo educador promove a autoeducação do aluno num processo de superação de sua cultura mesquinha marcada pelos valores de mercado.

De fato, neste aspecto encontramos o segundo sentido do educador: o professor de filosofia é aquele que irrompe contra o seu tempo, numa negação que visa à superação da época. Assim, o filósofo educador é aquele marcado pelo senso histórico de sua época, ou seja, ele está antenado com a cultura de sua época, diagnosticando a sua emergência:

Então, como vê o filósofo a cultura na nossa época? Completamente diferente, é preciso confessar, de todos estes professores de filosofia satisfeitos com o Estado em que vivem [...] As águas da religião estão em refluxo e deixam atrás de si pântanos e poças; as nações se opõem novamente com a maior hostilidade e desejam se quebrar totalmente. As ciências, praticadas sem medida e abandonadas ao mais cego *laissez-faire*, se retalham e dissolvem tudo em que se acredita firmemente; as classes cultas e os Estados civilizados são arrasados por uma corrente de dinheiro gigantesca e desprezível. Jamais o mundo foi mais mundo, mais pobre de amor e de bondade. [...] Tudo está a serviço da barbárie que vem vindo, tudo, aí incluídas a arte e a ciência desta época. (Nietzsche, 2003, p. 165-166)

Numa passagem mais adiante, Nietzsche é ainda mais contundente, quando afirma:

Sabemos todos, em certos momentos, que as instituições mais importantes da nossa vida são feitas unicamente para nos subtrairmos habilmente à nossa autêntica tarefa, que preferimos esconder o rosto num canto qualquer, como se a nossa consciência, com cem olhos, não pudesse nos surpreender aí; sabemos que entregamos precipitadamente nossa alma ao Estado, ao lucro, à vida social, ou à ciência, simplesmente para não mais possuí-la, assim como sujeitamos a uma pesada tarefa jornalística com mais ardor e mais inconsciência do que é preciso para viver, porque nos parece necessário não atingir a reflexão. A pressa é geral, pois cada um foge rapidamente de si mesmo; geral é também a dissimulação tímida desta pressa, porque se quer parecer satisfeito e porque se gostaria de esconder esta miséria aos observadores mais perspicazes; geral ainda é a necessidade de novos guizos de palavras que, agarradas à vida, lhe dão algo de uma festa ruidosa. (2003, p. 178).

O diagnóstico do presente é uma característica, na perspectiva de Nietzsche, do professor de filosofia que educa pelo seu exemplo de vida. Efetuar uma reflexão sobre as bases que sustentam o modo de vida da modernidade com o intuito de apontar a superficialidade que marca o homem moderno é um elemento importante na tarefa de educar. Nesse sentido, o professor de filosofia faz de sua educação filosófica um empreendimento de denúncia de todo modo de vida que se dedica meramente às banalidades do mercado, do consumo, do lucro, dos modismos. O professor de filosofia que educa por seu exemplo faz de sua prática pedagógica uma cruzada que aponta a superficialidade da cultura moderna, superficialidade demonstrada na baixíssima qualidade dos programas de televisão, por exemplo, na efemeridade das melodias e letras de música. Nossa época é estéril ou pouco produziu de grandes obras, vivendo do capital cultural acumulado em outras épocas, assimilando e adaptando-a aos interesses momentâneos do homem moderno. A tarefa

pedagógica do educador em filosofia é denunciar o pastiche cultural de uma época em que os livros mais vendidos são de autoajuda ou de aconselhamento existencial, os filmes com as maiores bilheterias são histórias que pouco acrescentam ao enobrecimento da vida. Em última instância, a tarefa do educador é a de denunciar a própria condição da educação moderna, marcada pela rapidez na produção de especialistas, ou seja, denunciar uma educação do tipo *fast food* em que se está muito mais preocupado com a quantidade de profissionais formados. Ora temos vários exemplos de instituições educacionais em que se atropela qualquer seriedade pedagógica em nome da quantidade de pessoas matriculadas nos cursos. O resultado disso é pouco estudo, pouca leitura, dedicação quase nula à formação porque exige-se pouco, e estudantes desinteressados, porque sabem que, de uma forma ou de outra, receberão seus diplomas, além de professores que têm suas práticas educativas comprometidas. É contra esta educação rápida e rasteira, que nivela o tipo humano numa massa homogênea de pessoas, transformando-as num rebanho sem singularidades, sem diferenças e sem potencialidades, que o professor de filosofia deve irromper.

No diagnóstico de seu tempo, o educador emerge como aquele que se volta contra o nivelamento e a esterilidade cultural que tornam os homens medianos em suas potencialidades e aspirações:

Se de fato preferirmos considerar todo grande homem como o verdadeiro filho de seu tempo e como aquele que sofre, em todo caso, com todas as mazelas deste tempo, da maneira mais intensa e com mais sensibilidade do que todos os homens mais medíocres, o combate deste grande homem *contra* seu tempo só aparentemente é um combate absurdo e destruidor contra si mesmo. Mas isto é somente na aparência, pois, no seu tempo, ele combate o que o impede de ser grande, o que para ele só pode exatamente significar: ser livre e totalmente si mesmo (Nietzsche, 2003, p. 162)

Na perspectiva de Nietzsche, Schopenhauer foi um exemplo de educador porque ele combateu a cultura de sua época:

Assim, desde a sua mais tenra juventude, Schopenhauer se levantou contra esta falsa mãe, vaidosa e indigna, a sua época, e expulsando-a por assim dizer de si, ele purificou e curou seu ser e se reencontrou na saúde e na pureza que lhe pertenciam. Eis por que é preciso se servir dos escritos de Schopenhauer como um espelho da época [...]. (2003, p. 162)

Nesse sentido, o filósofo educador, ao modo de Schopenhauer, deve ser aquele que educa para irromper contra sua época, tal é a tarefa pedagógica do professor de filosofia:

Pouco importa que este último enigma fique por agora incompreendido; cheguei a algo muito compreensível: explicar como podemos todos, através de Schopenhauer, nos educar *contra* nosso tempo, porque temos, graças a ele, a vantagem de *conhecer* verdadeiramente este tempo. (Nietzsche, 2003, 163)

Nesta última passagem do texto nietzschiano podemos observar o procedimento pedagógico do educador, composto de um diagnóstico da cultura atual, do conhecimento das condições de produção da cultura para, num segundo momento, irromper contra seu tempo. O professor de filosofia, então, educa pela crítica aos pressupostos de emergência de uma cultura do ressentimento e apequenamento do homem, uma cultura rasteira e que, em última instância, não contribui para a produção de homens fecundos, homens profícuos. Assim, o professor de filosofia, na esteira do pensamento de Nietzsche, faz de sua prática de ensino de filosofia um espaço de reflexão dos modos de produção da cultura, dos valores morais, da organização do *status quo*, numa atividade que aponta os interesses subjacentes ou a quem interessa este nivelamento da cultura e do homem.

No corpo teórico do pensamento de Nietzsche, a reflexão em torno do diagnóstico das condições de possibilidade de produção da cultura mediana da modernidade assume importância capital já nas primeiras obras. Ora, apontar a forma como a cultura ou os valores morais foram produzidos significa exatamente instaurar o procedimento genealógico, bastante presente em suas últimas obras, ou seja, apontar como a cultura fora produzida (emergência da cultura) e quem, com quais interesses, a produziu (proveniência ou quem produziu determinada cultura).⁶ Assim, o educador faz de seu ensino de filosofia o lugar de diagnóstico do presente, o lugar em que a reflexão filosófica irá apontar as formas de interpretação e produção cultural ou de valores morais, além dos interesses inerentes a eles. Este procedimento é condição *sine qua non* para o educador realizar sua tarefa educativa, ou seja, irromper contra seu tempo, contra a cultura rasteira de seu tempo. É exatamente isto que Nietzsche quis dizer ao afirmar a necessidade de se apontar as potências que trabalham na produção da cultura, conforme suas palavras:

Pois existe uma maneira de *abusar da cultura* e de *fazer dela uma escrava* – basta olhar em torno de si! E as potências que em nossos dias mais trabalham para a cultura alimentam precisamente os pensamentos dissimulados e não se conduzem para ela segundo uma ótica pura e desinteressada. (2003, p. 185)

⁶ Esta reflexão em torno do procedimento genealógico, ou seja, da busca pela origem dos valores morais, cuja composição implica apontar a emergência e a proveniência dos valores morais, é desenvolvida de forma brilhante por Foucault no artigo “Nietzsche, a genealogia e a história”, da *Microfísica do Poder*.

No contexto desta reflexão, Nietzsche diagnostica quatro formas⁷ de produção cultural e, conseqüentemente, quatro tipos de educação atreladas a esta cultura contra as quais o educador, por meio de seu ensino, deve irromper. A primeira é caracterizada por Nietzsche como uma cultura dos negociantes, ou, em nossas palavras, uma cultura capitalista cujo pressuposto conceitual é descrito por Nietzsche da seguinte forma:

É, em primeiro lugar, o *egoísmo dos negociantes* que têm necessidade do auxílio da cultura e, por gratidão, em troca, a auxiliam também, desejando, bem entendido, prescrever-lhe, fazendo de si o objetivo e a medida. Daí vêm o princípio e o raciocínio em voga, que dizem mais ou menos isto: quanto mais houver conhecimento e cultura, mais⁸ haverá necessidades, portanto, também mais produção, lucro e felicidade – eis aí a falaciosa fórmula. (2003, p. 185)

Nesse modo de produção cultural, a educação assume papel fundamental na medida em que se objetiva, por meio dela, a formação de homens que tomem para si os pressupostos desta cultura, conforme as palavras de Nietzsche:

Formar o maior número possível de homens correntes, no sentido de que se fala de moeda corrente, este seria o objetivo; e segundo esta concepção, um povo seria cada vez mais feliz, na medida em que possuísse mais estes homens correntes. Assim também, a intenção dos estabelecimentos modernos de ensino devia ser a de levar cada um, na medida em que isto está na sua natureza, a reproduzir o modelo “corrente” e a de educar de tal

⁷ Neste texto, abordaremos três modos de produção da cultura, optando por deixar de lado o quarto modo, em que aparece implicado um debate em torno da ciência: “Mencionarei, em quarto lugar, o *egoísmo da ciência* e a essência particular dos seu servidores, os *eruditos*”. (Nietzsche, 2003, p. 191) Este modo de produção cultural iremos tratar num outro texto em que estamos trabalhando, o qual realiza uma reflexão em torno da crítica nietzschiana ao erudito e sua vinculação ao Estado. Assim, o texto trata de uma crítica ao ensino de filosofia que se propõe formar o especialista ou o erudito na história ou nos conceitos da filosofia, além de levantar questões sobre os projetos de lei que institucionalizam a filosofia atrelando-a ao Estado sob a forma de uma disciplina.

⁸ Na edição que vimos citando consta – erroneamente – “mas”.

maneira, que se extraia de seu grau próprio de conhecimento e saber a maior quantidade possível de felicidade e lucro. (2003, p. 186)

O filósofo educador, por meio de seu ensino, deve romper com este modelo de cultura em que se valoriza o homem por aquilo que ele produz ou porque acumula riquezas; deve romper com esta produção cultural que define o fim da existência humana como posse de lucro; deve romper com esta educação que forma homens *courants*, homens que definem seu espírito pelo valor monetário; deve romper com esta educação cuja finalidade é a formação de homens para o mercado de trabalho, ou seja, de técnicos e especialistas que tenham destaque no exercício profissional, como se o fim último da existência se resumisse a isto; deve romper com esta educação que, pela rapidez com que forma homens técnicos e monetários, acaba por excluir a importância da leitura dos clássicos e da boa escrita, além das artes; deve romper, em última instância, com esta educação que forma homens rasos em seu lastro cultural, homens pobres de cultura e conhecimento.

A segunda forma de produção cultural tem na valorização e na perpetuação do Estado seu fim último, ou, em nossas palavras, uma cultura cívica. Neste modelo de produção cultural, a cultura e a educação estão a serviço dos interesses do Estado, conforme as palavras de Nietzsche:

Em segundo lugar, é o *egoísmo do Estado* que deseja também a extensão e a generalização maior da cultura e que tem nas mãos os instrumentos mais eficazes para satisfação de seus desejos. (2003, p. 186)

Neste aspecto, a educação assume como objetivo a formação de homens que “possam assim servir e ser úteis às instituições existentes: mas não para ir além delas” (Nietzsche, 2003, p. 187). Contrapondo-se a isto, o filósofo educador, por meio de seu ensino e de sua prática pedagógica, deve romper com esta educação cívica que vê o Estado como o guardião da vida

e como aquele que garante a felicidade; deve romper com esta cultura e esta educação que formam homens que perpetuam os valores morais do Estado e que veem nas instituições sociais – igreja, família, escola – um baluarte sem o qual toda vida humana estaria comprometida; deve romper com esta educação que forma homens úteis que perpetuam as instituições e os interesses do Estado. Assim, o professor de filosofia deve fazer de sua prática uma denúncia desta educação que aniquila e subjuga o homem às instituições sociais e aos interesses do Estado, uma educação que forma homens homogêneos, verdadeiros rebanhos, passivos e submissos aos interesses da moral do Estado e da vida gregária.

A terceira forma de produção cultural denunciada por Nietzsche tem na valorização da bela forma sua finalidade, ou, em nossas palavras, uma cultura da aparência. A marca deste tipo de cultura tem sua essência no disfarçar o que é feio em belo, conforme as palavras de Nietzsche:

Em terceiro lugar, a cultura é incentivada por todos aqueles que estão conscientes de possuírem um *conteúdo de fealdade e de tédio* e que querem mudá-lo por meio de uma pretensa “bela forma”. Com os detalhes exteriores, a palavra, o gesto, com a decoração, o fausto e as boas maneiras, trata-se de obrigar o espectador a uma falsa conclusão quanto ao conteúdo: admitido que se julga habitualmente o interior segundo o exterior. (2003, p. 187)

Este tipo de cultura é caracterizado na modernidade pela valorização da beleza das vestimentas, do bom comportamento e da boa postura. A crença deste tipo de cultura baseia-se na afirmação de que o homem e a vida humana se definem por aquilo que aparentam ser, construindo, a partir disto, maneiras de afirmação da “bela forma” presentes na moda, em cirurgias estéticas e no cultivo do corpo. Nesse caso, o filósofo educador deve fazer de sua prática educativa uma atividade de rompimento com esta cultura do simulacro, da aparência, e resgatar o sentido trágico da existência, ou seja, praticar um ensino de filosofia que denuncie esta cultura e esta educação

que formam homens ideais em sua aparência, resgatando o cenário dramático da existência. Dessa forma, se “viver em geral é estar em perigo” (Nietzsche, 2003, p. 160), o papel do filósofo educador é renunciar a esta cultura que cria o tipo de homem que anda somente na segurança de caminhos já percorridos; homens medrosos da experiência, do inusitado, do desconhecido; homens alinhados aos valores e objetivos instituídos pelo Estado porque já sabem o fim a que os levarão. Ao contrário disto, o professor de filosofia faz de sua prática a recuperação da tragicidade da vida, do resgate do singular, do atirar-se por inteiro no experimentalismo da vida, nos inúmeros caminhos ainda não percorridos. É aqui que a prática pedagógica do professor de filosofia encontra seu terceiro sentido: fazer do ensino de filosofia um modo de o homem tornar-se o que é, independentemente do que isto seja.

O professor de filosofia é aquele que educa por seu exemplo de vida, rompendo com um modelo de cultura ressentida que transforma a pluralidade e a singularidade dos homens em uma massa homogênea ao modo de um grande rebanho, ou seja, reduz todos os homens aos mesmos ideais, aos mesmos valores, à mesma forma de viver e aos mesmos objetivos de existência. Ao contrário disto, o filósofo educador é aquele que faz de seu ensino uma afirmação das diferenças e singularidades de cada homem, exatamente porque cada sujeito é único no universo, conforme as palavras de Nietzsche:

No fundo, todo homem sabe muito bem que não se vive no mundo senão uma vez, na condição de único, e que nenhum acaso, por mais estranho que seja, combinará pela segunda vez uma multiplicidade tão diversa neste todo único que se é: ele o sabe, mas esconde isso como se tivesse um remorso na consciência – por quê? Por medo do próximo que exige esta convenção e nela se oculta. (2003, p. 138)

Ora, a cultura, e a educação que está a seu serviço, trabalham exatamente para, por meio das convenções sociais, nivelar os homens num modelo moralmente aceito. O objetivo desta tarefa é o exercício do controle sobre os homens. Em outras palavras, é mais fácil a manutenção da paz e do ordenamento social, bem como a perpetuação das instituições sociais, se a cultura e a educação formarem homens iguais em seus valores e aspirações, formarem homens homogêneos. Contra isso o filósofo educador se insurge, e por meio de sua prática pedagógica afirma a originalidade de cada sujeito, ou seja, a educação está a serviço da formação de homens singulares em seus valores, em suas aspirações e em seus objetivos existenciais; uma educação que forje homens únicos e capazes de cunhar seus valores, que também são únicos, tal como somente os artistas conhecem, revelando

[...] o princípio segundo o qual todo homem é um milagre irrepetível; somente eles se atrevem [a] nos mostrar o homem tal como ele propriamente é e tal como ele é único e original em cada movimento dos seus músculos, e mais ainda, que ele é belo e digno de considerações segundo a estrita coerência da sua unicidade, que ele é novo e incrível como todas as obras da natureza e de maneira nenhuma tedioso. (Nietzsche, 2003, p. 138-139)

É tarefa do filósofo educador formar homens fortes em seu caráter e capazes de tomar para si o controle e a direção de sua existência, desbravando e construindo as trilhas do próprio caminho. Se cada existência é única, assim entende o professor de filosofia, são únicos também os valores morais, os ideais, os conceitos; cada sujeito vivendo segundo sua própria lei de vida, conforme as palavras de Nietzsche:

Mas, ainda que o futuro não nos deixasse qualquer esperança, a singularidade da nossa existência neste momento preciso é o que nos encorajaria mais fortemente a viver segundo a nossa própria lei e conforme nossa própria medida [...]. Temos de assumir diante de nós mesmos a responsabilidade por nossa existência, por conseguinte, queremos agir como os verdadeiros

timoneiros desta vida e não permitir que nossa existência pareça uma contingência privada de pensamentos. Esta existência quer que a abordemos com ousadia e também com temeridade, até porque, no melhor ou no pior dos casos, sempre a perderemos. Por que se agarrar a este pedaço de terra, a esta profissão, por que dar ouvidos aos propósitos do vizinho? (2003, p. 140)

Mais adiante, continua Nietzsche a sua reflexão:

Ninguém pode construir no teu lugar a ponte que te seria preciso tu mesmo transpor no fluxo da vida – ninguém exceto tu. Certamente, existem as veredas e as pontes e os semideuses inumeráveis que se oferecerão para te levar para o outro lado do rio, mas somente na medida em que te vendesses inteiramente: tu te colocarias como penhor e te perderias. Há no mundo um único caminho sobre o qual ninguém, exceto tu, poderia trilhar. Para onde leva ele? Não perguntes nada, deves seguir este caminho. (2003, p. 140-141)

Na perpetuação da singularidade de cada sujeito, o filósofo educador faz de sua prática educativa a formação de homens independentes desta cultura da homogeneização, homens autônomos, verdadeiras autarquias na construção de sua existência. No caso, temos uma educação que objetiva talhar homens criadores de valores singulares. Nesse cenário, a ação educativa do professor de filosofia não concebe um fim único para todas as pessoas ao cabo do processo educacional, muito pelo contrário, temos a emergência de uma educação em que o fim não advém do educador, mas de cada sujeito, pois cada qual trilha o próprio caminho. Em última instância, o educador, para Nietzsche, é aquele que liberta os homens dessa cultura ressentida e faz da educação um modo de o homem tornar-se o que é:

“[...] Teus verdadeiros educadores, aqueles que te formarão, te revelam o que são verdadeiramente o sentido original e a substância fundamental da tua essência, algo que resiste absolutamente a qualquer educação e a qualquer formação, qualquer coisa em todo caso de difícil acesso, como um feixe

compacto e rígido: teus educadores não podem ser outra coisa senão teus libertadores”. E eis aí o segredo de toda formação, ela não procura os membros artificiais, os narizes de cera, os olhos de cristal grosso; muito pelo contrário, o que nos poderia atribuir estes dons seria somente uma imagem degenerada desta formação. Ao contrário, aquela outra educação é somente libertação, extirpação de todas as ervas daninhas, dos dejetos, dos vermes que querem atacar as tenras sementes das plantas, ela é efusão de luz e calor, o murmúrio amistoso da chuva noturna [...]. (Nietzsche, 2003, p.141-142)

Numa outra passagem, Nietzsche é ainda mais categórico nesta concepção do papel do educador, quando afirma que “O homem que não quer pertencer à massa só precisa deixar de ser indulgente para consigo mesmo; que ele siga a sua consciência que lhe grita: ‘Sê tu mesmo! Tu não és isto que agora fazes, pensas e desejas’”. (2003, p. 139) Nesse caso, é compromisso do professor de filosofia fazer de seu ensino um espaço para cada sujeito tornar-se o que é, sem nenhum princípio teleológico, sem nenhuma finalidade preconcebida, sem nenhum valor que assuma a forma de uma estrela guia da existência. *Educar para tornar-se o que é*: trata-se de um princípio educativo que rompe com a cultura e a educação que pasteurizam os homens numa massa sem singularidades; é um princípio educativo que assume a forma de um turbilhão, varrendo esta cultura do apequenamento do homem; é um princípio educativo que revoluciona a visão da própria existência concebida pela modernidade; *educar para tornar-se o que é* “consistiria principalmente em transformar todo homem num sistema solar e planetário que me revelasse a vida, e em descobrir a lei da sua mecânica superior”. (Nietzsche, 2003, p. 143)

A tarefa do professor de filosofia de ir contra seu tempo no intuito de formar, através do processo educativo, homens singulares, tem por objetivo a emergência de homens mais refinados em sua cultura e em sua tábua de valores. Engendrar homens autárquicos e construtores, de forma autônoma, de seu próprio caminho, significa educar para formar homens superiores se

comparado com a homogeneidade de homens produzida pela cultura moderna. Assim, o professor de filosofia, por sua prática pedagógica, assume a função de produzir grandes homens: singulares, autônomos, capazes de guiar sua própria existência, conforme afirma Nietzsche:

Às vezes, é muito mais difícil admitir uma coisa do que compreender a razão dela; e é sem dúvida assim para a maior parte daqueles que meditam sobre esta proposição: “A humanidade deve constantemente trabalhar para engendrar grandes homens – eis aí a sua tarefa, e nenhuma outra”. Como gostaríamos de aplicar à sociedade e a seus fins um ensinamento que pudesse ser extraído da consideração de todas as espécies do reino animal e vegetal – para elas, somente importa o exemplar individual superior, o mais incomum, o mais poderoso, o mais complexo, o mais fecundo –, que prazer não haveria aí, se os preconceitos enraizados pela educação quanto à finalidade da sociedade não oferecessem uma pertinaz resistência! É sobretudo fácil compreender que o objetivo do desenvolvimento de uma espécie reside lá onde ela alcança seu limite e se transforma numa espécie superior, e não na massa de exemplares [...] (2003, p. 182)

Assim, pela prática do filósofo educador, encontramos a possibilidade de desenvolver uma nova cultura, muito mais rica, muito mais profunda, ou seja, na medida em que a educação “tem de buscar e instaurar as circunstâncias favoráveis que permitiriam o nascimento destes grandes homens redentores” (Nietzsche, 2003, p. 182-183) é ela que irá formar homens que irrompam contra a cultura moderna, homens redentores da própria espécie humana, homens que resgatam a singularidade tão maltratada pela cultura e pela educação modernas. É nesse sentido que a recuperação do valor do humano, enquanto espécie única, encontra na prática do professor de filosofia um terreno profícuo para o nascimento de grandes homens, ou, nas palavras de Nietzsche, para o nascimento do gênio:

Pois a questão é de fato a seguinte: como a tua vida, que é uma vida individual, adquiriria o valor mais elevado, o significado mais profundo? Como seria ela menos desperdiçada? Certamente, unicamente na medida em que tu vivas em proveito do exemplar mais raro e mais precioso, e não em proveito do grande número, quer dizer, daqueles que, tomados isoladamente, são os exemplares de menor valor. (2003, p. 183)

Numa outra passagem, Nietzsche é mais categórico na afirmação da necessidade do educador talhar o gênio por meio de sua prática educativa:

Poucos pensadores sentiram em si, a este ponto e com esta incomparável precisão, o pulsar do gênio; e seu gênio lhe fazia mais elevada promessa: que não havia sulco mais profundo do que aquele que seu arado cortava no solo da humanidade moderna. (2003, p. 158)

Na medida em que a cultura e a educação modernas, no intuito de formar homens de rebanho, trabalham contra a formação de homens singulares e o engendramento do gênio, o papel do educador torna-se crucial em nossa época. Como um médico da cultura, o filósofo educador educa para a formação de homens redentores da espécie humana, homens que caminhem a passos largos contra a cultura massificadora do humano e engendrem um homem profundo e uma cultura que potencialize a vida, uma cultura que trabalhe pelo refinamento sempre ascendente do tipo humano.

Bibliografia

- BRANCATTI, Paulo Roberto. *O ensino de filosofia no segundo grau: uma necessidade de leitura do cotidiano*. 1993. 187p. Dissertação. (Mestrado em Educação) Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba.
- DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador*. São Paulo: Editora Scipione, 1991. 120p.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1989. 296p.
- GALLO, Sívio. *Deleuze e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 120p.

LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a educação*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002. 136p.

NIETZSCHE, F. Schopenhauer como educador. In: NIETZSCHE, F. *Escritos sobre educação*. Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio; São Paulo: Editora Loyola, 2003. 352p.

_____. *Così parlò Zarathustra*. Milão: Oscar Mondadori, 1997. 316p.

_____. *Genealogia da moral*. São Paulo: Brasiliense, 1988. 208p.

_____. *Ecce homo*. São Paulo: Companhia das letras, 1997a. 157p.

TÜRCKE, Christoph. *O louco: Nietzsche e a mania da razão*. Petrópolis: Vozes, 1993. 224p.